

PERSONAGENS EM MIGRAÇÃO E VIAGEM EM *MÁS ALLÁ DEL INVIERNO*, DE ISABEL ALLENDE

Luana Yakira Rodrigues Mendes*
Tatiana da Silva Capaverde**

Resumo: Sendo os trânsitos migratórios uma característica inerente à história do continente americano, podemos observar que esses acontecimentos vêm sendo representados na literatura há muito tempo, tendo como textos primeiros os relatos de viagem da época da colonização. No decorrer dos anos, essa temática vem ganhando cada vez mais espaço no meio ficcional e acadêmico, diante disso, o estudo desenvolvido neste artigo tem como objetivo analisar a representação dos deslocamentos em uma obra literária contemporânea, abordando comparativamente a viagem e a migração como diferentes formas de deslocamento. A análise utiliza como corpus a obra *Más Allá del Invierno*, de Isabel Allende, publicado em 2018, e focaliza a jornada dos personagens do romance. Utilizamos como base teórica os conceitos de errância e migração (OLIVIERI-GODET, 2010), viagem (ONFRAY, 2009), mobilidade (BERND, 2003) e deslocamento (GONZÁLEZ, 2010). Dessa forma, concluímos que a representação dos processos migratórios e de viagem na ficção contribui para a compreensão desse tema e nos ajuda a entender a complexidade presente nesses trânsitos cada vez mais frequentes no mundo global contemporâneo.

Palavras-chave: migração; viagem; literatura latino-americana.

* Acadêmica do curso de Letras Português e Espanhol da Universidade Federal de Roraima – RR, Brasil. Pesquisa realizada no Programa de Iniciação Científica da UFRR com bolsa CNPq. E-mail: luanayakira5@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6874-6659>.

** Professora do curso de Letras Português e Espanhol e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima – RR, Brasil. E-mail: tatiana.capaverde@ufrr.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7826-7640>.

CHARACTERS IN MIGRATION AND TRAVEL IN *MÁS ALLÁ DEL INVIERNO*, BY ISABEL ALLENDE

Abstract: Since the migratory transit are an inherent characteristic of the history the American continent, we can observe that these events have been represented in the literature for a long time, having as documents the first travel reports from the colonization time . Over the years, this theme has been getting more and more visibility in the fictional and academic environment, in view of that, the study developed in this article aims to analyze the representation of migratory processes in a contemporary literary work, comparatively approaching travel and migration as different forms of displacement. The analysis uses as corpus the work *Más Allá del Invierno*, by Isabel Allende, published in 2017, and focuses on the journey of the characters in the novel. We used as a theoretical basis the concepts of wandering and migration (OLIVIERI-GODET, 2010), travel (ONFRAY, 2009), mobility (BERND, 2003) and displacement (GONZÁLEZ, 2010). In this way, we conclude that the representation of migration and travel processes in fiction contributes to the understanding of this theme and helps us to understand the complexity present in these increasingly frequent transits in the contemporary global world.

Keywords: migration; travel; literature.

Introdução

Filha do diplomata chileno Tomás Allende, Isabel Allende Llona nasceu em 2 de agosto de 1942, em Lima, Perú. Devido a separação de seus pais, se mudou para o Chile ainda quando criança, sendo assim, considerada de nacionalidade chilena. Passou a ser reconhecida mundialmente como escritora devido ao sucesso de seu primeiro romance *La Casa de los Espíritus*, publicado em 1982, quando ainda estava em exílio depois do golpe militar organizado por Augusto Pinochet, ocasião em que morreu seu tio, antigo presidente do Chile, Salvador Allende. Estudou jornalismo, trabalhou para jornais e para a televisão, escreveu obras para o teatro e contos infantis. Suas obras

já foram traduzidas para mais de trinta idiomas e é considerada a escritora viva de língua espanhola mais lida da atualidade.

O romance *Muito Além do Inverno* [*Más Allá del Invierno*, 2017], publicado no Brasil em 2018, ambientado nos Estados Unidos, nos apresenta a história de três personagens centrais: Lucía Maraz, chilena, que está nos Estados Unidos a trabalho; Evelyn Ortega, guatemalteca, que está ilegalmente no país; e Richard Bowmaster, amigo de Lucía, nativo do país e descendente de judeus. Esses três personagens terão suas vidas entrelaçadas devido a acontecimentos inesperados que os levarão a conviver e a conhecer a história de vida uns dos outros. A obra apresenta o ponto de vista de cada um dos personagens de forma intercalada. Os capítulos apresentam os tempos presente e passado, descrevendo os acontecimentos atuais e as recordações da vida dos personagens antes do deslocamento para os Estados Unidos e, portanto, antes de que se conhecessem. Essa construção narrativa revela ao leitor os fatos que os levaram a estar onde estão no momento presente da obra, além de revelar os motivos e as explicações para certas características particulares e psicológicas de cada um desses três personagens.

Para melhor abordar os tipos de deslocamentos empreendidos por Lucía Maraz, Evelyn Ortega e Richard Bowmaster, se faz necessário definir o conceito de migração e viagem, caracterizando as especificidades dessas diferentes formas de mobilidade. O teórico Onfray nos apresenta em seu livro *Teoria da Viagem* [*Théorie du Voyage*, 2007] dois tipos de pessoas: as nômades ou as sedentárias, isto é, aquelas que são adeptas ao deslocamento ou ao estatismo. De acordo com o autor, há pessoas que se descobrem desejosas de sair pelo mundo a explorar ou de não sair de onde se está, permanecendo enraizada no mesmo lugar. Esses são os princípios que se encontram no interior de cada indivíduo, como ele bem caracteriza na citação abaixo:

[...] voltam-se para o nascente, inclinam-se em direção ao poente, sabem-se mortais, é verdade, mas sentem-se como fragmentos de eternidade destinados a se mover num planeta finito – estes vivem de forma semelhante à energia que neles atua e que anima o resto do mundo; de maneira igualmente cega, outros experimentam o desejo de enraizamento, conhecem os prazeres do local e desconfiam do global. Os primeiros amam a estrada, longa e interminável, sinuosa e ziguezagueante; os segundos se comprazem com a toca, sombria e profunda, úmida e misteriosa. (ONFRAY, 2009, p. 10)

O movimento desses sujeitos que possuem a pulsão de busca infinita sentenciou os acontecimentos mundiais que definiram a história da humanidade. No contexto latino-americano isso foi determinante, pois os deslocamentos de povos nas Américas sempre ocorreram pelos mais variados motivos, como o nomadismo de alguns grupos, a migração imposta pelo processo colonial, as disputas territoriais que marcaram os períodos de independência e, contemporaneamente, a busca por oportunidades melhores de vida ou pela reunião familiar, a necessidade de escapar da violência ou de perseguições políticas. Por isso, podemos afirmar que desde os tempos das colônias o movimento entre os países sempre ocorreu, sendo a mobilidade uma característica cultural própria da América, como afirma Zilá Bernd (2010, p. 67):

[...] temos destacado o conceito de mobilidade como uma característica dominante das culturas americanas, manifestando-se através de passagens, deslocamentos e transferências presentes em todos os níveis: cultural, discursivo, temporal, espacial. Do deslocamento paródico ao metafórico, de passagens de vozes narrativas aos grandes deslocamentos no espaço e no tempo – frequentes em obras cujos personagens são viajantes, caminhantes, itinerantes,

coureurs des bois, ou flâneurs -, as mobilidades configuram a identidade americana.

O tema do deslocamento que encontramos na obra *Más Allá del Invierno* se trata de um evento comum ocorrido no mundo hoje, pois vivemos em uma época de globalização e composição híbrida devido aos movimentos migratórios, sendo o deslocamento “[...] assimilado como estado natural, como exercício sem fim, consubstancial ao humano.” (GONZÁLEZ, 2010, p. 117). E não se trata de um tema recorrente apenas socialmente, que se passa na vida real, como também o é em meio a arte, como tema ficcional. Como afirma Zilá Bernd, “[...] a utilização constante de estratégias de deslocamentos, passagens e transferências culturais que se verificam na literatura e nas demais manifestações artísticas é fator predominante na configuração cultural americana.” (2007, p. 96).

Nesse mesmo texto de Bernd, que trata das figurações da mobilidade nas literaturas das Américas, a autora apresenta alguns conceitos de deslocamento aplicados a diferentes áreas, como na Física, em que “[...] o deslocamento representa a porção da trajetória pela qual o móvel se deslocou” (2007, p. 89). Sua significação também se aplica a área dos estudos culturais, associada aos trânsitos humanos, em que a palavra “deslocamento”, para a autora, leva um sentido de migração que tem a ver com perseguições ou violência (BERND, 2007).

Para González (2010), entender e pensar o conceito de deslocamento é primordial para os estudos na área das ciências sociais e dos processos culturais, tendo em conta as distintas perspectivas - física, espiritual e linguística – pelas quais se pode observar analisar o fenômeno. Esse pensamento vai ao encontro ao que Olivieri-Godet (2010) afirma sobre errância, que, apesar de apresentar distintos aspectos, constitui a mesma ideia de deslocamento, seja relacionado ao físico ou ao mental, ao deslocamento voluntário ou involuntário.

Dessa forma entendemos que o conceito de deslocamento cobre diferentes situações que se diferenciam dependendo do sujeito, do contexto em que o sujeito está inserido e sua história pregressa. Essa diversidade de abordagem está presente na obra aqui analisada, que apresenta personagens provenientes de mundos diferentes, que passaram e passam por situações diferentes, mas que cada um deles está em meio a seu processo particular de deslocamento. Percebe-se, portanto, que “[...] o conceito abarca um amplo universo de significados e de relações, sendo a remissão ao lugar, ou aos neologismos derivados da desconstrução da noção de lugar, o que articula essa ampla rede conceitual.” (GONZÁLEZ, 2010, p. 109-110).

Entre as diferentes situações abarcadas no contexto de deslocamento, encontram-se, por exemplo, os movimentos de errância, exílio, migração e a viagem.

A migração e a viagem são dois tipos de deslocamentos que possuem semelhanças entre si, mas não são iguais. Conforme Piñero (2016) a migração quer dizer mudar de endereço, de moradia. O indivíduo ou o grupo de pessoas que se deslocam, saem de seu lugar de origem com o objetivo de estabelecer morada em lugar distinto. A viagem, por outro lado, segundo Bou (2016) possui uma característica mais voltada para a aventura, pode ter várias conceituações. Tratando-se da análise aqui proposta, podemos constatar que a obra apresenta o tema da viagem e da migração através das personagens Lucía Maraz e Evelyn Ortega. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo analisar essas representações de mobilidade presentes na obra, utilizando como base teórica os conceitos de errância, migração (OLIVIERI-GODET, 2010), mobilidade (BERND, 2003), viagem (ONFRAY, 2009) e deslocamento (GONZÁLEZ, 2010).

A representação da migração na personagem Evelyn Ortega

Rita Olivieri-Godet em seu texto *Errância/migrância/migração*, traz o conceito de errância como sendo um acontecimento de múltiplas faces, abordado na literatura desde os tempos remotos por meio de diferentes figuras, personagens errantes, tanto bíblicos como épicos, que têm em comum “[...] a ideia de deslocamento físico ou mental, voluntário ou involuntário” (2010, p. 189). Devido a essas distintas acepções, surge a imagem da errância como algo positivo ou negativo, sendo os dois casos observados na obra de Isabel Allende, através das figuras de Lucía e Evelyn. Olivieri-Godet explica essa ambivalência da acepção:

Daí decorre a ambivalência da imagem da errância: positiva, como aventura voluntariamente assumida que, em algumas narrativas pós-modernas, evolui no sentido da busca da desterritorialização de pertencimentos, como viagem iniciática à descoberta de si mesmo e dos outros; negativa como desenraizamento involuntário, enfocando a violência das travessias impostas de territórios, representadas pelas figuras do imigrante, do refugiado, do exilado, do marginal, errantes excluídos. (OLIVIERI-GODET, 2010, p. 189).

Ademais, a autora trata da migrância como algo além das mudanças físicas de um lugar para outro. É algo mais subjetivo e simbólico, relacionado a construção da própria identidade do sujeito. Também apresenta o conceito como um neologismo fortemente conectado a atualidade, que o criou para “[...] figurar experiências de deslocamentos e modalidades intersubjetivas específicas dos tempos atuais” (OLIVIERI-GODET, 2010, p. 190), tendo seu uso mais enfocado hoje em dia no contexto social, do movimento de indivíduos entre países.

Evelyn Ortega, personagem de Isabel Allende, é uma menina guatemalteca, de origem ameríndia ou maia, como suspeita Lucía na

obra (que não chega a aclarar a informação), nascida em uma aldeia chamada Monja Blanca del Valle, que vivia com sua avó, Concepción Montoya, e seus dois irmãos, Gregorio e Andrés. O pai de Evelyn deixou a família emigrando para a América do Norte em busca de trabalho e nunca mais voltou ou deu notícias, tendo a família apenas rumores de que se havia instalado na Califórnia. Quando Evelyn tinha já seus seis anos de idade, foi o momento em que sua mãe deixou a família e foi tentar conseguir sustento em outro lugar. Essa situação era algo comum na comunidade e ao que parece era o que mais a movia economicamente, ou ao menos contribuía em grande parte para a economia local. A situação de migração entre os guatemaltecos é indicada no trecho abaixo:

Os filhos de Miriam não eram as únicas crianças sem mãe nem pai; dois terços de seus colegas de escola estavam na mesma situação. No passado, só os homens emigravam em busca de trabalho, mas, nos últimos anos, as mulheres também partiam. Segundo o padre Benito, os emigrados enviavam, todos os anos, vários milhares de milhões de dólares para manter suas famílias, contribuindo, de passagem, para a estabilidade do governo e a indiferença dos ricos. (ALLENDE, 2018, p. 40)

A realidade social e econômica da Guatemala que conta com provedores que mantem suas famílias com o trabalho realizado nos Estados Unidos se complementa com a falta de oportunidade daqueles que ficam no país, pois no povoado, muitos não terminam seus estudos e acabam se unindo a quadrilhas. Isso ocorreu na família de Evelyn em que os pais buscaram oportunidades de trabalho no exterior e seu irmão mais velho se associou as gangues violentas que dominavam a região. A premissa do grupo com o qual se uniu Gregorio era não ter mais relações com a família, não sentir afeto. Importava apenas manter a coragem, a honra e a lealdade à quadrilha. No entanto, Gregorio seguia próximo a seus irmãos, o que acarretou

seu assassinato e ameaça à sua família por parte do próprio bando ao qual pertencia. Depois do ocorrido com seu irmão, Evelyn não conseguiu mais falar e agir como antes, adquiriu gagueira, e nem sua avó a conseguia entender. Posteriormente a um ataque sofrido em sua casa em que seu irmão mais novo não conseguiu sobreviver e Evelyn ficou gravemente ferida, a avó decidiu enviá-la para longe, por sua própria segurança, pois como havia sobrevivido, corria risco de vida se permanecesse na comunidade. A partir daí se iniciou a jornada de Evelyn para chegar aos Estados Unidos, de maneira ilegal, escondida e temendo por sua vida.

Dessa forma, vemos que o deslocamento vivido por essa personagem se trata de um deslocamento de característica negativa, de desenraizamento involuntário, levando-se em conta as condições que a “expulsaram” de seu país. Onfray, em sua obra, *Teoria da Viagem*, como já mencionado inicialmente, define dois tipos de viajantes: aqueles que em um momento se descobrem apaixonados pelo imobilismo, ou aqueles que são adeptos do deslocamento, “amante de fluxos, transportes [...]” (2009, p. 9). Evelyn é o exemplo do viajante que é “apaixonado por estatismo, imobilismo e raízes.” (2009, p. 9). Como declara Amaro, “Há pessoas as quais o que importa é a quietude, a conformidade com suas memórias pessoais, com seu nicho definido e cultivado de velhos amigos. Satisfeitos com o que já viveram e experimentaram. Eles elegem um só lugar para estabelecer morada, para apreender a realidade.” (2013, p. 29).

A caracterização da personagem na obra indica essa negatividade do desenraizamento involuntário, pois diferente de seu irmão mais novo, que sonhava em ir para os Estados Unidos ganhar dinheiro para ajudar a família, ela, por outro lado, não tinha vontade de sair de sua região e ter uma vida em outro lugar, “Só conhecia seu povoado e a casa de sua avó.” (ALLENDE, 2017, p 46). Além disso, a composição da personagem representa o que afirma Bernd (2007) em seu artigo

sobre os deslocamentos nas literaturas americanas, em que a autora aponta a relação da migração com perseguições ou violência, visto que Evelyn Ortega passou por muitas situações terríveis em sua trajetória para chegar aos Estados Unidos. Não era uma trajetória fácil ou confortável. Na obra, os que não conseguiam chegar ao destino final e acabavam deportados contavam suas histórias e relatavam a dificuldade da viagem:

A viagem através do México, a pé ou no teto de trens de carga, era uma prova de fogo, era necessário enfrentar assaltantes armados com facões e policiais com cachorros. Cair do trem significava perder as pernas ou a vida, e quem conseguisse atravessar a fronteira poderia morrer de sede no deserto norte-americano ou baleado por fazendeiros, que saíam caçando emigrantes como se fossem coelhos. (ALLENDE, 2018, p. 46)

Ademais, Evelyn estava ainda com as sequelas do ataque sofrido enquanto estava na aldeia, do qual sobreviveu por muito pouco. Dormiu em lugares inóspitos, apertados e sem segurança, sentiu fome, sede e ao chegar à fronteira do México com os Estados Unidos foi surpreendida pela decisão do coioote (pessoa responsável por fazer a passagem de imigrantes) de que teria que seguir o resto do caminho sozinha, já que sua mãe vivia no país e os federais não a iam deportar por ser menor de idade, mas sim buscariam e a entregariam à sua mãe. A trajetória de Evelyn resultou muito mais difícil do que a dos outros dois personagens da história, chegando ao ponto de sentir vontade de morrer quando estava só no deserto antes de ser encontrada por dois federais, como se pode perceber no trecho: “[...] enroscada no chão, entregou-se à desgraça e à solidão, querendo morrer logo, morrer dormindo e jamais despertar.” (ALLENDE, 2018, p 172)

Com tudo o que passou em seu processo de deslocamento, a personagem seguiu tendo dificuldades na fala, não voltou a ser como

era antes e o medo, todavia persistia enquanto trabalhava nos Estados Unidos. Viveu um período com a sua mãe e a família que lhe era tão estranha como todos as outras pessoas, pois não sabia da existência deles até chegar aos Estados Unidos. Ou seja, estava longe da única família que conhecia de verdade, sua avó, e havia perdido os irmãos. Estava assustada com tudo, visto que nada e ninguém lhe pareciam confiáveis. Houve a tentativa de aproximação com a nova família, mas nas condições psicológicas e emocionais em que se encontrava Evelyn, o processo de aproximação não ocorreu da maneira prevista. A personagem tampouco se uniu a outros grupos de latinos que viviam nos Estados Unidos, quase não falava nem com os de sua casa, pois “[...] qualquer um que se aproximasse a menos de um metro deixava Evelyn em brasa [...]” (ALLENDE, 2018, p. 192). O mundo fora de sua casa no momento também não lhe parecia receptivo tendo em conta que “A crise económica dos últimos anos agravara o antigo ressentimento contra os latinos; milhões de norte-americanos, ludibriados por financeiras e bancos, haviam perdido suas casas e empregos, e transformaram os imigrantes em bodes expiatórios.” (ALLENDE, 2018, p. 191-192) Apenas continuou vivendo em seu próprio mundo, calada, e seu único amigo era Frankie, o filho do casal para quem começou a trabalhar e de quem cuidava.

Evelyn, ao começar a trabalhar como babá, recebeu documentos falsos do senhor Frank Leroy, o pai da família para a qual trabalhava, de quem tinha medo devido a seu mal caráter. Era um homem perigoso, que tinha uma espécie de trabalho ilegal e detestava a sua esposa, em quem batia, e a seu filho, por ter uma enfermidade. Evelyn não fazia nada além de trabalhar nos três turnos cuidando do filho do casal e às vezes até da senhora Leroy, uma mulher infeliz, que quando não estava um certo tempo com seu filho, passava todo o tempo restante consumida por suas pílulas. Lucía e Richard calculavam que a guatemalteca ganhava muito menos do que deveria e trabalhava sem ter um horário fixo, quase como uma espécie de

trabalho forçado, mas para Evelyn isso era o de menos, já que tinha um lugar seguro onde dormir, que era o mais importante para ela.

Com isso vemos que toda a trajetória de deslocamento de Evelyn Ortega esteve carregada de inumeráveis dificuldades, sofrimentos, angústias, perdas e riscos, que é o que caracteriza o deslocamento involuntário, que não parte de um desejo do indivíduo que se desloca por vontade própria, mas sim por situações externas que o obrigam a sair de seu lugar de origem.

A viagem e sua representação na personagem Lucía Maraz, em *Más allá del invierno*

Diferentemente do deslocamento caracterizado como migração involuntária, a viagem também se encontra representada na obra. Para começar a reflexão a respeito do caso da personagem Lucía Maraz, se faz necessário entender o que é essa forma de mobilidade. Definições como “sair de um lugar para outro”, “mover-se, passar por um caminho, rua, rota”, são definições que basicamente todos conhecem com base no sentido comum. Todavia, Amaro, em sua dissertação *Escritos de viagem e a construção do espaço vivido por meio do deslocamento* (2013) aponta que, para além desses conceitos:

Uma viagem não é somente uma ação, ela é acompanhada de uma interpretação, seu conteúdo é político e é pessoal [...]. Acompanha a construção da(s) história(s) e dos espaços. Tomo aqui, a viagem, pelo conceito mais simples encontrado, aquele que é a motivação de uma pessoa ao sair de sua casa, para se deslocar para outro lugar [...]” (p. 31)

Em sua dissertação, Amaro (2013) nos traz uma classificação de alguns tipos de viagens. Há as viagens de conquista, das quais temos os relatos nas histórias de descobrimentos de países e continentes,

as viagens científicas, as que são por tradição cultural como os ciganos, as viagens missionárias, ou por obrigações diplomáticas, como fazem os cônsules, embaixadores, etc. Além disso, a autora também fala sobre as viagens diletantes, as que se realizam simplesmente pelo desejo de deslocar-se, de mover-se voluntariamente. No outro lado da moeda temos a viagem em que o sujeito se vê obrigado a sair de seu lugar em consequência de uma violência, direta ou indireta, como o caso dos refugiados sírios e muitos outros no mundo, o que caracteriza o viajante forçoso.

Octavio Ianni, autor que também discorre a respeito da viagem no primeiro capítulo de seu livro *Enigmas da Modernidade-Mundo* (2003), afirma que ela tem estado desde sempre presente na história dos povos. Segundo ele distintos grupos têm se utilizado desse processo como forma de conhecer a si mesmo e ao outro, afinal é nesse contraste com o outro que se ressaltam as diferenças e o que se tem em comum: “Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades ressonâncias. Tanto singulariza como universaliza.” (p. 13) Assim como Amaro (2013), o autor caracteriza os distintos tipos de viagens existentes e adiciona a questão das viagens reais e/ou imaginárias.

Como se apresentou anteriormente, Evelyn se encontrava no grupo dos que apreciam e preferem o enraizamento, permanecer onde está, mas saiu de seu país, de sua aldeia, por motivos que estavam longe de seu controle. No caso de Lucía Maraz, podemos perceber a representação do segundo tipo, daquelas pessoas que necessitam do trânsito, do movimento, como forma de construção identitária. A viagem possui uma relação estreita com as questões identitárias uma vez que o viajante transforma a si mesmo no contato com o outro (BOU, 2016). Para Ianni (2003), quando se viaja, a característica transformadora da viagem se dá porque “[...] ao mesmo tempo que se recriam identidades, proliferam diversidades. Sob vários aspec-

tos, a viagem desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades.” (p. 14), o viajante, portanto, passa por um processo de descobrimento pessoal e de mundo. Assim, diferentemente de Evelyn, Lucía Maraz realiza um deslocamento voluntário, e, segundo a tipologia de Onfray (2009), pode ser considerada uma pessoa nômade. Lucía Maraz é uma chilena de sessenta e dois anos que saiu de seu país para viver nos Estados Unidos depois do convite de seu amigo Richard Bowmaster, a quem conheceu no meio acadêmico, para trabalhar na Universidade de Nova York como professora visitante por seis meses no Centro de Estudos Latino-Americanos e do Caribe (ALLENDE, 2018).

Amaro afirma em sua dissertação que “[...] uma travessia inclui questões geográficas, morais, filosóficas, perceptivas. A viagem coincide às vezes com a solução próxima de um conflito moral ou espiritual.” (2013, p. 19), uma característica que percebemos na construção da personagem Lucía, que aceitou o convite de ir viver nos Estados Unidos por diversos motivos: para ficar mais perto de sua filha que estudava e vivia em Miami, por um certo interesse amoroso em Richard e por querer uma mudança em sua vida, logo após passar por perdas (o fim do casamento, a morte de sua mãe e de sua companheira canina de anos) e enfrentar um câncer, como se relata no seguinte trecho:

Queria viver no estrangeiro, onde os desafios cotidianos mantinham sua mente ocupada e o coração em relativa calma, porque no Chile era esmagada pelo peso do conhecido, das rotinas e limitações. Lá, ela se sentia condenada a ser uma velha sozinha e acossada por más recordações inúteis, enquanto, fora do país, poderia ter surpresas e oportunidades. (ALLENDE, 2017, p. 14)

Dessa forma, Lucía Maraz se encaixa no segundo grupo de pessoas citadas por Onfray (2009), que aspiram ao movimento, ao

deslocamento. O autor reflete em seu livro acerca da subjetividade presente no ato de viajar, de deslocar-se. Quais são os motivos? Por que isso importa? Em sua obra afirma:

Nós mesmos, eis a grande questão da viagem. Nós mesmos e nada mais. Ou pouco mais. Certamente há muitos pretextos, ocasiões e justificativas, mas em realidade só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca com o propósito, muito hipotético, de nos reencontrarmos ou, quem sabe, de nos encontrarmos. A volta ao planeta nem sempre é suficiente para obter esse encontro. Tampouco uma existência inteira, às vezes. (ONFRAY, 2009, p. 75)

A perspectiva de viajante de Onfray dialoga com a construção identitária do sujeito errante caracterizado por Amaro, já que “[...] o deslocamento pelo espaço reconfigura a identidade daquele que se move, pois somos seres que nos estabelecemos no mundo em relação ao espaço-tempo que nos abriga e que abrigamos em nós.” (2013, p. 19). O processo de viagem, de deslocamento, não somente configura a identidade da personagem Lucía Maraz, seja como uma trajetória de busca por experiências e sensações novas ou tentativa de escapar do peso de acontecimentos desagradáveis, como também configura a identidade do personagem Richard Bowmaster, que também já havia sofrido o processo de deslocamento quando jovem, mostrado no livro por meio dos capítulos intercalados que narram o passado do personagem.

A construção identitária de Richard, ou ainda, quem ele é no momento presente da trama, tem toda relação com sua experiência no Brasil e com os acontecimentos que se aí passaram. Sua trágica história familiar que ao fim, culminou na morte de sua mulher e seus dois filhos, o levou a voltar para seu país de origem, quase que nas mesmas condições em que Lucía sai do Chile para os Estados Unidos, uma viagem em busca de algo diferente, de mudança de vida. Esta

busca, como afirma Onfray, é por algo melhor do que o que já se tem, “Ninguém viaja para se curar de si, mas para ficar mais aguerrido, fortalecido, para se sentir e se conhecer de maneira mais apurada.” (2009, p. 79). Para o autor, o eu é a motivação para sair, a viagem não tem outra referência em seu centro que não seja o eu.

Subjetividade, segundo Amaro, “[...] tem a ver com a história pessoal, com o sentido estético, condições psíquicas e culturais, que determinam, em grande parte, os modos de vida do indivíduo.” (2013, p. 22). Por meio da história dos personagens da obra se percebe a inegável presença da subjetividade nos processos de migração e de viagem. Para Onfray, por trás dos processos de deslocamentos muito se encontra da subjetividade em diferentes níveis e a viagem está constantemente se relacionando com o núcleo identitário do indivíduo que viaja, sendo essa uma ligação que dificilmente se rompe (ONFRAY, 2009). Além disso, reforça que:

Viajar conduz inexoravelmente à subjetividade. Dividida, fragmentada, espalhada ou compacta, é sempre diante dela que acabamos por chegar, como diante de um espelho que nos convida a fazer o balanço de nosso trajeto socrático: o que aprendi de mim? O que posso saber com mais certeza do que antes da minha partida? Os filósofos da Antiguidade grega sabiam a função formadora do deslocamento.” (ONFRAY, 2009, p. 81).

Os acontecimentos, as perdas e os traumas vividos pelos personagens da obra lhes transformaram como pessoas, configurando uma mobilidade que não é somente física, mas identitária e existencial. A partir dessa perspectiva, ser uma pessoa nômade ou sedentária são estados que ultrapassam os trânsitos físicos e involucram uma nova forma de relações com os espaços e a alteridade.

Bou (2016) ainda afirma que a viagem se constitui por algumas fases, sendo elas a saída, a passagem por algum lugar e por fim,

o retorno ao lugar de origem. Faz-se importante destacar que ao término da obra, não se tem a informação acerca do retorno da personagem Lucía ao seu país. No entanto, pode-se entender que em algum momento houve esse retorno, uma vez que a viagem para os Estados Unidos era por um período determinado, para trabalhar alguns meses no departamento já citado anteriormente e que após isso a personagem veria que rumo tomaria:

[...] a contratara por seis meses como professora visitante. No fim do semestre, sua vida estaria como um papel em branco; precisaria procurar outro trabalho e outro lugar para viver até que decidisse o que fazer da vida no longo prazo. Mais cedo ou mais tarde, voltaria ao Chile, onde terminaria seus dias, mas para isso faltava muito [...] (ALLENDE, 2018, p. 13-14)

Dessa forma, ainda que o livro não inclua a narrativa desse retorno, pode-se partir da premissa de que o deslocamento da personagem de Allende compreende todos os processos da viagem, já que há a intenção de retornar e não há um projeto de se estabelecer no novo país em que está residindo temporariamente.

Considerações finais

Os estudos sobre os diferentes tipos de deslocamentos e imigração estão ganhando cada vez mais espaço no meio acadêmico nos últimos anos, o que nos ajuda a compreender e nos leva a refletir sobre uma temática que está cada vez mais em evidência no âmbito mundial. A temática da viagem, por exemplo, levanta outras discussões sobre diversos conceitos como “imperialismo, diáspora, multiculturalismo, nacionalismo, identidade, gênero, globalização, colonialismo e pós-colonialismo, [...], transculturação, noções de centro e margem, fronteira, hibridismo, localização [...]” (BOU, 2016) para citar alguns.

Os deslocamentos apresentados nas narrativas literárias são uma boa base para se discutir acerca desses movimentos tão inerentes na história da América, como já visto no texto, pois traz por meio da ficção uma noção acerca desses movimentos no mundo e abre o espaço para que se tente compreender as motivações, os objetivos, as características de tais processos e suas consequências para os sujeitos que a vivem e a comunidade como um todo, assim como ver de que forma estão representados os tipos de deslocamento nas narrativas literárias.

Segundo Amaro (2013), vivemos atualmente em uma época em que, ao mesmo tempo em que se incrementa o número de turistas ao redor do mundo – pois sabemos que o turismo é algo que move grandemente a economia de muitos países – o número de imigrantes forçados, que são obrigados a sair de seu lugar de origem por motivos que fogem de seu controle, como a guerra, por exemplo, aumenta no mesmo nível. Conforme afirma Ianni (2003), figuras nômades, adeptas do mobilismo, errantes, viajantes, entre outros, sempre existem mundo afora, buscando o exótico, o desconhecido, as aventuras, realizando pesquisas. Podemos afirmar que, conforme o mundo avança tais indivíduos continuarão presentes na construção da história, fazendo parte muitas vezes de processos de grande importância e impacto na sociedade. As experiências de deslocamento vividas por Evelyn Ortega e Lucía Maraz leva a refletir sobre o ato de viajar e imigrar que se observa no mundo hoje. São esses processos que motivam os estudos sobre o tema nas humanidades: as experiências de trajetória, o ser estrangeiro, as diferentes formas de deslocamentos e seus motivos ou consequências para o sujeito e a sociedade.

Referências

ALLENDE, Isabel. *Más Allá del Invierno*. Tradução por Luís Carlos Cabral. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

AMARO, Fernanda Ribeiro. *Escritos de viagem e a construção do espaço vivido por meio do deslocamento*. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Rosa dos Ventos, MG, 2013.

BERND, Zilá. As Américas: nascimento e morte das utopias. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 67-70, out./dez. 2010.

BERND, Zilá. Figurações do deslocamento nas literaturas das Américas. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 30, p. 89-97, jul./dez. 2007.

BOU, Enric. Viagem. In: STELAMARIS, Coser (org). *Viagens, deslocamentos, espaços – conceitos críticos*. Vitória: EDUFES, 2016. p. 336-340.

COSER, Stelamaris. Nômade, nomadismo. In: COSER, Stelamaris (org). *Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos*. Vitória: EDUFES, 2016. p. 238-246.

GONZÁLEZ, E. P. Deslocamento/Desplazamiento. In: BERND, Z. (Org.) *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 109-125.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 13-31.

OLIVIERI-GODET, Rita. Errância/migrância/migração. In: BERND, Z. (Org.) *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 189-209.

ONFRAY, Michel. *Teoria da Viagem: poética da geografia*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

PIÑERO, María Rocío Cobo. Migração, migrância. In: COSER, Stelamaris (org). *Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos*. Vitória: EDUFES, 2016. p. 216-222.

TRONQUOY, Darlene Vianna Gaudio Angelo. Exílio. In: COSER, Stelamaris (org). *Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos*. Vitória: EDUFES, 2016. p. 122-131.